Diploma em domicílio

Os cursos à distância em instituições brasileiras são uma boa opção para os milhares de brasileiros que vivem no exterior.

Nos Estados Unidos, o ensino à distância já existe há muitos anos e quase todas as universidades possuem cursos abertos a estrangeiros. No Brasil, estima-se que existam 3 milhões de brasileiros estudando pela internet, por apostilas e até por meio da velha e boa correspondência.

Por Juliana Melo

Quem decide morar no exterior tem que, na maioria das vezes, engavetar o sonho do diploma e aventurar-se em profissões do mercado secundário para garantir uma boa quantidade de dólares no final da semana, certo? Nem sempre. Diversas instituições educacionais brasileiras oferecem cursos livres, seqüenciais e de qualificação que podem ser feitos até por quem está morando nos Estados Unidos. "São cursos que garantem um título técnico-profissional que pode ser útil no futuro, especialmente ao retornar para o Brasil e tentar uma vaga no mercado de trabalho", explica a pedagoga Dulcinéia Mana.

Apesar de muitas instituições "venderem" os cursos à distância como graduação, a modalidade 100% não-presencial só pode ser oferecida em cursos livres ou técnicos. "É um certificado para quem procura ampliar ou atualizar seus horizontes intelectuais e suas qualificações", afirma.

A lei brasileira prevê que os cursos de graduação ou pós à distância devem ter 20% de suas atividades presenciais. "A maior parte do curso é feita à distância, pela internet, mas o aluno tem que comparecer a encontros presenciais para avaliação, a fim de que o MEC reconheça o diploma", informa o professor Júlio César Alvez. Segundo ele, para oferecer cursos de graduação a alunos que residem fora do país, as universidades brasileiras têm que ter um representante no exterior.

Esse é um dos principais pontos que os interessados devem observar ao fechar contrato com uma instituição educacional. "Quem quer um diploma de graduação, mas não pode comparecer à sala de aula, deve se cercar de alguns cuidados como se informar com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre o reconhecimento do curso e da instituição", alerta. "Mas quem procura qualificação e uma formação específica,

pode e deve recorrer ao ambiente virtual de aprendizado para conquistar um diploma".

O tempo não pára

Os cursos à distância em instituições brasileiras são uma boa opção para os milhares de brasileiros que vivem no exterior. A famosa frase de que "na América a vida pára" pode ser descartada por quem utiliza o tempo de folga para estudar no campus virtual. Além da valorização no Brasil, ter um diploma significa ter uma especialidade, o que, sem dúvida, é um diferencial e tanto nos dias de hoje.

O mercado de trabalho brasileiro não só reconhece os diplomas de cursos a distância como aposta neles na hora de reciclar seus funcionários. Algumas empresas estabelecem parcerias com universidades para garantir o desenvolvimento dos trabalhadores.

Mas a metodologia do ensino à distância ainda é um mistério para muitos alunos e professores. Vando Lins é um típico imigrante brasileiro nos Estados Unidos: trabalha por turnos e, a cada dia, tem um horário diferente de labuta. Quando ele entra de manhã, estuda à noite. Quando entra à tarde, passa a madrugada em cima do computador. "Enquanto eu durmo, o professor ou algum aluno responde à minha dúvida postada horas antes", diverte-se. Vando faz um curso de Gestão do Comércio Exterior numa instituição do sul do Brasil e teve que vencer a estranheza do ensino à distância. "Parece que você está sozinho, afinal, a gente está acostumado com aquele sistema de sala de aula, com dezenas de colegas". Nada que uma primeira conversa por chat não resolvesse. "Depois, a gente se acostuma, se sente mais acolhido. Pensa: essa pessoa não está ao meu lado, mas está na passando um momento semelhante ao meu".

Após passar dois anos apenas se dedicando ao trabalho nos Estados Unidos, Vando optou por um curso virtual para garantir um título que poderá ser útil tanto no país,

quanto em sua terra natal. "Ainda que muita gente fale que aqui os brasileiros só têm chances em trabalho pesado, acredito que quem busca qualificação consegue postos melhores", diz ele, que investiu em aulas de inglês antes de iniciar a nova empreitada. "O conhecimento que estou adquirindo com esse curso à distância poderá me ajudar até a conseguir um emprego numa empresa brasileira instalada aqui nos Estados Unidos. Hoje, o empregador procura um profissional que tenha qualidade e isso, só se conquista através do saber".

Sua opinião é compartilhada pelo administrador de empresas André Matos, que mora há 6 anos em Miami. "Assim como quem sabe falar inglês tem mais chances nos Estados Unidos, um profissional diplomado também poderá ocupar um posto de trabalho que conta como experiência em seu currículum", defende. Para Matos, a grande dificuldade do imigrante que retorna

ao Brasil é ter ficado defasado. "Infelizmente, muitos chegam aqui, trabalham, juntam dinheiro, mas não podem nem mesmo dizer que fizeram algo que somou para sua carreira profissional; nesse sentido, esses cursos à distância são uma alternativa interessante para quem não quer desperdiçar tempo".

Um bom negócio

Apostando na importância da qualificação, muitas universidades virtuais oferecem planos para atrair o imigrante. As mensalidades que custam cerca de R$ 300 para residentes no Brasil, saltam para US$ 450 para quem vive no exterior. A justificativa: além das taxas de postagem serem mais caras, muitas vezes é necessário contratar um professor que acompanhará os encontros presenciais em outro país.

Na página de abertura do site da Associação Internacional de Educação Continuada (AIEC), da Faculdade de Administração de Brasília, a frase "estude de qualquer lugar do mundo" é um forte atrativo para o curso de administração de empresas. "Além das aulas pela internet, temos encontros presenciais mensais, em cidades-pólos, próximos aos endereços dos alunos", conta uma assistente do instituto. O aluno conta com o apoio de um tutor, que promove os encontros, aplica provas e coordena trabalhos em equipe. A AIEC já instalou pólos em vários continentes. Nos Estados Unidos, funciona em Boston.

Para facilitar a vida do brasileiro que vive no exterior, as mensalidades são descontadas em cartões de crédito ou depósito bancário. É possível encontrar de cursos regulares de graduação e pós graduação, a aulas de turismo rural e criação de peixes. Haverá sempre um curso adequado ao seu estilo, necessidade ou hobby.

EAD no Brasil e nos Estados Unidos

A educação à distância (EAD) ainda é uma novidade no Brasil. Mesmo assim, no ano passado 159.366 brasileiros fizeram cursos de graduação e pós a distância no país. Segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), esse número é ainda maior se levados em conta os cursos alternativos, não-cadastrados no ministério. Pelas contas da Abed, há 3 milhões de brasileiros estudando pela internet, por apostilas e até por meio da velha e boa correspondência.

A primeira explicação para tamanho crescimento é o número cada vez maior de gente com acesso ao computador, uma das principais ferramentas usadas nesse método. Além disso, com o tempo cada vez mais escasso, muitas pessoas preferem escolher a hora em que vão estudar.

Uma das lendas que iludem os desavisados é que quem estudar em casa é mais fácil. Quem não faz perguntas, não participa dos fóruns propostos pelos professores e não faz os testes dos sites, não existe para o professor nem para a universidade. Dia após dia, o

aluno é observado pelos tutores e coordenadores, ainda que ele não perceba isso.

Algumas universidades usam o computador apenas como ferramenta de apoio, tendo as apostilas como material principal. Outras utilizam o sistema de teleconferência. Se o foco é ter um diploma universitário ou um certificado de pós-graduação, verifique que a instituição escolhida é autorizada pelo MEC e se é possível fazer o curso em outro país.

O site da Associação Brasileira de Ensino a Distância (www.abed.org.br) reúne artigos sobre o assunto e links para instituições de ensino.

Nos Estados Unidos, o ensino à distância já existe há muitos anos e quase todas as universidades possuem cursos abertos a estrangeiros. Cada uma tem um critério diferente de admissão. Os interessados podem acessar sites da United States Distance Learning Association – USDLA (www.usdla.org) ou The American Distance Education Consortium (www.adec.edu), onde é possível encontrar informações importantes sobre a modalidade de ensino em domicílio.

Prejuízo com roubo ao BC será bancado por contribuintes

Por Adriana Fernandes

Os contribuintes vão ter de bancar o prejuízo causado pelo roubo dos R$ 150 milhões do cofre do Banco Central, em Fortaleza (CE), o maior já registrado no país e, segundo o jornal americano The Star-Ledger, o segundo maior da história. O periódico aponta o roubo de U$900 milhões do Banco Central Iraquiano, antes da invasão norte-americana em março de 2003, como o maior já registrado.

Pelas regras em vigor, todo o prejuízo do banco deve ser contabilizado no balanço da instituição. Quando o resultado é lucro, isso é repassado ao Tesouro Nacional, para reforçar o caixa do governo, formado basicamente por impostos pagos pela população. Mas quando o BC tem prejuízo, solidariamente o buraco é coberto pelo Tesouro. O BC não tinha seguro para o valor roubado.

Essas explicações foram dadas por técnicos do governo que acompanham as investigações, feitas pela Polícia Federal e por funcionários do BC, em Fortaleza. A PF ainda não tem indicações sobre o destino dos autores do roubo nem do dinheiro, mas acredita que os integrantes da quadrilha não sejam nordestinos.

Cerca de dez homens alugaram há três meses uma casa perto do BC e cavaram um túnel de 78 metros de extensão para chegar ao cofre. Funcionários do banco fecharam o cofre às 18 horas de sexta-feira e o reabriram na manhã de segunda-feira, quando descobriram o roubo.

De acordo com técnicos do governo, as notas de R$ 50 recolhidas dos bancos estavam no cofre esperando para ser submetidas à verificação do estado de conservação. Essa análise é feita por funcionários do Banco Central. As notas muitos velhas, rasgadas e deterioradas seriam incineradas. As que apresentassem bom estado de conservação seriam encami-

nhadas novamente aos bancos para voltar a circular.

Essa peculiaridade - o fato de se tratar de notas que estavam sujeitas à análise de qualidade - impõe uma dificuldade adicional ao trabalho da Polícia Federal. Se fossem notas novas elas estariam numeradas em série e, portanto, seria mais fácil identificar o local em que estão sendo utilizadas para algum tipo de pagamento ou mesmo um depósito em outra instituição financeira, supondo que essa poderia ser uma das alternativas dos assaltantes. No entanto, como são notas antigas - fora de seqüência numérica - dificilmente poderão ser rastreadas.

A polícia cearense acredita que o dinheiro roubado ainda esteja, pelo menos em grande parte, no Ceará. Para a polícia, apesar de haver a informação de que o grupo fazia uso de um carro tipo furgão é pouco provável que o dinheiro tenha sido todo transportado de uma só vez.

VIDAL CAVALCANTE/AGÊNCIA ESTADO/AE

Policial segura dinheiro encontrado na van usada no roubo ao Banco Central. O veículo foi encontrado pela Polícia Federal na madrugada de quarta-feira,10, num estacionamento de Fortaleza.

Economistas já prevêem inflação no Brasil dentro da meta para 2005

Por Patrícia Campos Mello

Pela primeira vez desde 2000, a inflação deve ficar dentro da meta ou bem próxima dela, na estimativa de vários economistas. O mercado financeiro já reduziu sua expectativa para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que passou de 5,54% para 5,5%. A meta de inflação para este ano é 5,1%. Alguns economistas vão além. Eles estão revendo suas projeções e acreditam que o IPCA pode ficar abaixo de 5,3% ou mesmo em 5%.

A persistente queda do dólar e alguns choques positivos levaram a inflação a cair mais

rapidamente do que era esperado, dizem. A deflação dos alimentos foi o principal choque positivo sobre os preços. Julho, mês que normalmente sofre influência de um aumento sazonal dos alimentos, teve uma retração significativa nos preços desses produtos.

Outro choque positivo foi o dos preços administrados. Em junho houve uma grande redução no preço do álcool combustível. No mês passado, ocorreu uma redução nas tarifas de energia elétrica.

A persistente apreciação do real foi outro ponto muito importante. Marcela Prada, economista da Tendências Consultoria Integrada, proje-

tava que o dólar estaria cotado a R$ 2,55 no final do ano e o IPCA seria de 5,6%. Agora, com a valorização do real, ela mudou suas projeções: dólar a R$ 2,45 em dezembro e IPCA de 5,5%, pouco acima da meta de 5,1%.

Vitória

Para os economistas, a queda da inflação é uma grande vitória para o BC. "No início do ano, muitos questionavam a eficácia da política monetária, diziam que não estava conseguindo controlar a inflação. Agora, é consenso no mercado que a política está funcionando", diz Tatiana Pinheiro,

economista-sênior do Banco ABN Amro. "A política monetária contribuiu para a valorização do real e para conter a demanda, dois fatores importantes para reduzir a inflação", afirma Marcela, da Tendências.

Tatiana ainda se mantém prudente. "Queremos ver os resultados de agosto, fora da influência dos preços de alimentos que são muito voláteis." A economista do ABN Amro quer ver se julho e junho foram atípicos ou se a tendência positiva vai se manter. "Os dados dos últimos meses indicam que estamos muito perto de cumprir a meta, mas ainda quero ver os números de agosto."

Turismo é terceiro produto de exportação

Os desembarques de vôos nacionais e internacionais nos aeroportos brasileiros nunca foram tão grandes. O turismo no Brasil está crescendo acima da media de 15% ao ano.

Por Marlene Gomes

Nos seis primeiros meses de 2005, o setor apresentou um superávit de US$ 2.125 milhões, após ter acumulado, por mais de uma década, um déficit de US$ 22,5 bilhões.

O turismo já é o terceiro produto de exportação na balança comercial brasileira, atrás somente da soja em grão e do minério de ferro. Nos seis primeiros meses de 2005, o setor apresentou um superávit de US$ 2.125 milhões, após ter acumulado, por mais de uma década, um déficit de US$ 22,5 bilhões, mantendo o desempenho do ano passado e de 2003. Já os desembarques de passageiros em vôos nacionais e em vôos internacionais tiveram um crescimento, no primeiro semestre, de 18,6% e 15,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado.

Os dados foram apresentados pelo ministro do Turismo, Walfrido dos Mares Guia, durante a 8ª Reunião do Conselho Superior de Comércio Exterior – Coscex, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em São Paulo.

O ministro comemorou os 21 meses consecutivos

de crescimento no número de desembarques de passageiros de vôos nacionais. Somente no primeiro semestre foram registrados 20.072.579 desembarques, um crescimento de 18,6% com relação aos seis primeiros de 2004. Considerando-se o acumulado de 12 meses, o setor totaliza 39,8 milhões de passageiros, um recorde histórico no setor. "O turismo no mundo cresce a uma média de 10%. No Brasil o setor está crescendo acima de 15%", explicou Mares Guia.

Os desembarques em vôos internacionais há 30 meses consecutivos apresentam um recorde de crescimento. Somente nos seis primeiros meses do ano, o número de desembarques totalizou 3.341.485: o crescimento foi de 15,4% em relação ao mesmo período do ano passado. "O turismo está crescendo a um nível alucinado", disse Mares Guia. "Cada um milhão a mais de desembarques representa a geração de 605 mil empregos diretos e 110 mil empregos indiretos".

Americanos - Sobre a exigência de visto para a entrada no País de turistas norte-americanos, o ministro argumentou que os Estados Unidos são o maior mercado emissor de turistas para o mundo. "Dos 63 milhões de americanos que viajaram para o exterior, no ano passado, somente 633 mil visitaram o Brasil", explicou. "Não justifica a cobrança de taxa para entrada no País".

Ziraldo lança gibis sobre empreendedorismo

O escritor e cartunista Ziraldo lançou na última semana a série de gibis 'Aprenda a Vender Mais e Melhor'. Autor de clássicos do quadrinho brasileiro, como o 'Menino Maluquinho', o cartunista desenvolveu o traço dos personagens empreendedores mesclando casos fictícios e reais.

Uma das atrações é Adaílton, ex-jogador de futebol e vendedor de roupas que, apesar de sustentar a família, sofre o preconceito dentro de casa por ser ambulante. Mas tem o apoio da colega, a dona Celeste, que faz sucesso à frente de uma lanchonete. O desenrolar dos acontecimentos neste divertido quadrinho é repleto de mensagens sobre fidelização de clientes, planejamento associativismo, aumento de vendas, foco do negócio, entre outros temas.

Já a história do Carlinhos do CD é baseada no caso verídico de José Carlos de Carvalho, um empreendedor de sucesso do bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. A revista mostra desde quando Carlinhos começou a vender discos usados de vinil no final dos anos 70, com ajuda da irmã, passando pelas dificul-

O cartunista Ziraldo, autor de o "Menino Maluquinho" quer conquistar um novo público com seus quadrinhos: os empreendedores.

dades de empreender, até chegar ao êxito atual, como vendedor de CD.

A série contempla oito gibis, que serão vendidos a R$ 1,50 cada, em cerca de 32 mil bancas de jornal de todo o Brasil, a partir de setembro. Realizado pelo Sebrae em parceria com a editora Globo, o conteúdo dos gibis é baseado nas radionovelas do programa 'A Gente Sabe, A Gente Faz', versão 2005, cujo piloto do programa também foi lançado junto com a série de gibis.

Imigrante em foco

1º Fórum Brasileiro do Sul da Flórida pretende orientar os brasileiros nos negócios, na educação e apresentar soluções práticas para o dia-a-dia do imigrante que vive nos Estados unidos.

Por Juliana Melo

Pense em todas as perguntas que vieram à sua mente desde que você chegou nos Estados Unidos. Quantas delas não ficaram sem resposta, não é mesmo? Pois é isso que o 1º Fórum Brasileiro do Sul da Flórida pretende fazer nos dias 16 e 17 de agosto: esclarecer os questionamentos que povoam o imaginário dos brasileiros que se mudam para a América.

O evento, que acontecerá na Biblioteca Central de Broward, em Fort Lauderdale (FL), reunirá representantes do Consulado do Brasil, líderes comunitários, representantes de organizações, especialistas em assuntos legais, educacionais e de saúde, para apresentar informações importantes de interesse dos brasileiros que residem no sul da Flórida e no restante do país.

Os organizadores do Fórum pretendem estreitar o relacionamento da comunidade com as autoridades e especialistas, eliminando as barreiras que atrapalham a vida do imigrante na América. Mais que trocar idéias, favorecer novos contatos e apresentar soluções para o brasileiro recém-chegado, o encontro quer mediar a adaptação do estrangeiro à vida americana.

Serviços Consulares e Direito

No primeiro dia da rodada de palestras, dia 16, serão abordados temas relacionados à atuação dos consulados brasileiros, aspectos legais que envolvem a imigração, questões de comportamento e informações sobre o sistema de saúde norte-americano.

Após dar as boas vindas aos participantes, a presidente do CCBU, Adriana Sabino, passará a palavra ao Cônsul do Brasil, Embaixador João Almino. O Ministro Luiz Felipe Mendonça Filho (Secom) e autoridades do setor consular local apresentarão tudo o que o Consulado pode fazer pelos imigrantes, abordando questões burocráticas, culturais e comerciais.

A advogada Genilde Guerra, do escritório Kravitz & Guerra Law Offices, falará sobre os aspectos legais que envolvem a imigração. Em seguida, Alan Kapetan e Juliana Andrade, do Wites & Kaplan, entrarão num tema relevante para quem vive em território americano: como proceder em casos de acidentes. Outros temas jurídicos, como questões de família e divórcio também serão tratados pelos especialistas, que tirarão as dúvidas dos participantes.

Psicologia e Saúde

A adaptação ao novo país e à cultura americana serão apresentados na segunda parte do primeiro dia do Fórum Brasileiro. O choque cultural, o efeito da mudança na família e violência doméstica serão debatidos por Carmen Durchfort, psicóloga especialista em assuntos de família. Mais que discutir o processo de inserção na nova sociedade, a profissional também orientará onde o brasileiro poderá buscar ajuda.

A fundadora da organização Winner Women, Márcia Silva, contará histórias de vida das brasileiras imigrantes. Luiz Cláudio Carvalho, professor e presidente da Interlearning Center, falará sobre a importância do aprendizado do inglês e Rosane Wechsler fechará com chave de ouro a parte comportamental do evento enfatizando as dificuldades e estratégias de adaptação nos Estados Unidos.

O encerramento do primeiro dia do encontro se dará com um tema de grande interesse da comunidade: onde buscar atendimento de saúde nos EUA, as diferenças do sistema americano em relação ao brasileiro e como acessar os hospitais do país. Essas abordagens serão feitas por Rosana Bowman, do Baptist Health System. O atendimento "brasileiro" para brasileiros será o tema da palestra ministrada por Dr. Neri Franzon, e Dra. Clarissa Harris, do North Broward Hospital, falará sobre os recursos especiais de atendimento para imigrantes.

Educação e Negócios

O segundo dia do encontro, quarta-feira, 17, iniciará tratando do sistema educacional americano, quais os recursos especiais disponíveis para pais e alunos estrangeiros no sistema e como se dá o processo de entrada na Universidade. Os programas para novas comunidades serão apresentados por Nancy Weintraub, do Departamento Multi Cultural do sistema escolar público de Broward.

Beatriz Diaz, do Miami-Dade Public School System, palestrará sobre a política de globalização do sistema de Escolas Públicas de Miami-Dade e sobre os benefícios destes programas para a comunidade. E a experiência do primeiro programa bilíngüe português – inglês será o tema de Adriane Daher, professora da escola Ada Merritt.

Como montar o seu próprio negócio e ganhar dinheiro. Paulo Rocha, Presidente da HMTL International, ensinará por onde começar e quais as diferenças entre se estabelecer no Brasil e nos EUA. Os caminhos legais do setor serão apresentados pelo advogado Paulo Miranda, da Akerman & Senterfit.

E para quem já se estabeleceu na América, Carmen Ximenes, da Money One, dará dicas sobre compra da casa própria, hipotecas (mortgages) e investimentos imobiliários. Regina Valente-Little, da Smith & Barney, apresentará os planos especiais de investimento.

Organizações Sociais e Comunitárias

O encerramento do 1º Fórum Brasileiro do Sul da Flórida apresentará entidades e organizações sociais brasileiras que atuam nos Estados Unidos, destacando a missão de cada uma delas e o seu papel no fortalecimento do comunidade. Nessa fase do evento, participarão representantes de entidades religiosas, ONG's e líderes comunitários.

O Fórum terminará com debates sobre o papel da mídia no contexto da imigração e a importância de eventos como o Brazilian Film Festival, Rhythm Foundation, Miss Brasil USA e Brazilian Press Award.

Como participar?

O Fórum Brasileiro é gratuito e aberto a todos. Para participar, basta comparecer, assistir aos painéis e aproveitar o momento para dirimir as dúvidas. O evento conta com o apoio de um grupo de empresas brasileiras (Zestmarketing, Engead, Money One Mortgage, vinhos MIOLO e ABCatering) que procuram incentivar os brasileiros a se conscientizarem sobre seus direitos e deveres dentro dos Estados Unidos, construindo uma comunidade forte e atuante.

Mais informações podem ser obtidas com o Centro Cultural (CCBU) pelo telefone (305) 376-8864 ou pelo email ccbu@bellsouth.net

O evento será realizado no Bienes Center, 6º andar da Biblioteca Central de Fort Lauderdale (100 S.Andrews Ave, downtown Fort Lauderdale), das 18h30 às 22h.

Evento terá programação voltada para os interesses da comunidade brasileira que reside nos Estados Unidos.

guia negócios & oportunidades

PARA ANUNCIAR LIGUE 1-866-802-7272

Tecnologia made in Brazil

Nos últimos anos, a indústria brasileira de software deu um salto de capacitação e competitividade. As empresas criaram novas tecnologias, aprenderam a competir e, ganharam a confiança de importantes instituições públicas e privadas norte-americanas.

Por Juliana Melo

A primeira reação, de dúvida – como é que o Brasil pode exportar tecnologia de tamanha sofisticação para os Estados Unidos? – é substituída pela surpresa gratificante, quando se toma conhecimento de que uma empresa de Brasília tem entre seus clientes o Departamento de Estado dos Estados Unidos, a Marinha dos Estados Unidos e o Federal Bureau of Investigation (FBI).

A Politec, empresa 100% nacional com sede na capital da República e subsidiária em Washington DC, atende importantes clientes americanos como o Lehigh Valley Hospital e o Eagleville Hospital (ambos na Pensilvânia) e agora, mais recentemente, ao FBI, para fornecimento do Identity Management – um sistema ultramoderno e seguro de identificação das pessoas pela íris.

Não faltam exemplos de empresas brasileiras de tecnologia que atuam nos Estados Unidos e em outros países. Atualmente, o Brasil exporta cerca de US$ 400 milhões de dólares por ano em tecnologia da informação, mas a meta do governo é chegar a US$ 2 bilhões até o final de 2007. Previsão ambiciosa? "Esta meta foi estabelecida na apresentação da política industrial em março do ano passado e tem tudo para ser cumprida", afirma um assessor da Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. "O Brasil tem condições de competir neste segmento de igual para igual com qualquer país do mundo", assegura.

A expectativa do governo federal tem base sólida. O software para controle de vôos utilizado no aeroporto de Maiquia, o mais movimentado da Venezuela, é brasileiro. A empresa Atech Tecnologias Críticas disputou uma concorrência com a multinacional Raytheon, sediada nos Estados Unidos, e ganhou o contrato de 1,5 milhão de dólares do governo venezuelano.

Quer mais exemplos? Os sistemas de bilhetagem do transporte público da Itália, da Nigéria e do Havaí são clientes da desenvolvedora brasileira Fujitec. Quem embarca num ônibus público nesses três países carrega consigo um smart card que é lido por sistemas da empresa cearense. A Fujitec fatura este ano US$ 1,35 milhões em dois contratos para fornecimento de solução de bilhetagem eletrônica nos Estados Unidos, sendo um em Honolulu, Havaí, e outro em Denver, Colorado.

Esses são alguns dos vários casos de exportação de tecnologia brasileira. Entre 1995 e 2002, a indústria de tecnologia da informação (TI) brasileira (hardware, serviços e software) registrou alta de 11% ao ano, média cinco vezes maior do que a do Produto Interno Bruto (PIB) naquele período. Hoje, o país tem mais de 5,4 mil empresas na área de software, é o sétimo mercado mundial do setor e movimenta cerca de US$ 7,7 bilhões por ano.

Mercado que vale ouro

Nos Estados Unidos, uma das palavras da moda é outsourcing. Partir para fornecedores fora das fronteiras e com custos menores é uma febre que beneficia, principal-

A abertura das portas da "Polícia Federal" norte-americana é, segundo Hélio Oliveira, sócio-diretor da Politec, "mais um passo importante na conquista de espaço dentro do dificílimo mercado americano".

A empresa Fujitec exporta o sistema de bilhetagem eletrônica. "Se atendemos o mercado dos EUA, podemos atender ao de qualquer lugar do mundo", fala o diretor de tecnologia da empresa.

mente, as empresas brasileiras de tecnologia da informação.

Não é de hoje que os países mais ricos do mundo, em busca de qualidade, rapidez e principalmente baixo custo, importam centenas de bilhões de dólares em produtos e serviços de software oferecidos por nações em desenvolvimento. Para se ter uma idéia do que isso pode representar em termos de divisas para o Brasil, basta lembrar que em 2001 os gastos mundiais com terceirização de serviços de software alcançaram a cifra de US$ 712 bilhões, segundo estudo da International Data Corporation (IDC). Daqui a dois anos, segundo o instituto de pesquisa, esse mercado deve movimentar a bagatela de US$ 1,2 trilhão.

Mesmo com as pressões políticas contrárias aos contratos feitos em outros países (offshoring), existentes nos Estados Unidos, a guerra competitiva entre as empresas e a possibilidade de trabalhar remotamente, a custos bem menores, tornam irresistível a terceirização de serviços de TI.

Passe-livre

Para exportar bilhetagem eletrônica aos Estados Unidos, a Fujitec, que possui certificado ISO, teve de se adaptar para atender às normas internacionais como a homologação FCC para emissão eletromagnética e de documentação do projeto. "Se atendemos o mercado dos EUA, podemos atender ao de qualquer lugar do mundo", comemora Danilo Reis, diretor de tecnologia da empresa.

Com centenas de projetos desenvolvidos para clientes no Brasil, Estados Unidos, América Latina e África, a EverSystems é desenvolvedora do primeiro wireless banking, o primeiro e-mail banking do mundo e a primeira solução de pagamentos com celular da América Latina. Quando optou instalar uma filial nos Estados Unidos, a empresa fez um importante investimento. "O mercado americano é uma grande oportunidade de negócios para a EverSystems; a tecnologia em internet banking brasileira é superior a dos Estados Unidos, e os clientes já reconhecem isso", afirma Raul Pavão, diretor de marketing, referindo-se ao crescente número de instituições norte-americanas que contratam a empresa para implantar as soluções oferecidas.

A Stefanini IT Solutions também acredita que ter dado um passo rumo à internacionalização valeu a pena. Segundo o presidente Marco Stefanini, a consultoria já vem, há alguns anos, destacando-se no mercado. A empresa possui dois escritórios nos Estados Unidos (Atlanta e Fort Lauderdale) e importantes clientes americanos utilizando serviços e sistemas desenvolvidos nas fábricas de software brasileiras, como a Johnson & Johnson.

Vencer as barreiras

Para as empresas brasileiras de TI, a grande barreira a derrubar é a do desconhecimento do país. A imagem do Brasil não está associada à oferta de tecnologia, por isso, os empresários precisam dedicar grande parte da janela de vendas para convencer o cliente americano, falando sobre o país e sua competência no setor. Para eles, esse obstáculo será vencido quando houver referências de grandes volumes entregues por empresas brasileiras.

Outro desafio refere-se ao volume de recursos humanos. Hoje, o Brasil dispõe de 200 mil profissionais de software. Para exportar dois bilhões de dólares anuais em 2007, conforme a meta da política industrial, serão necessários mais 100 mil profissionais, segundo os cálculos da Softex. Atualmente, são formados a cada ano 25 mil profissionais, 10 mil em nível técnico. Fica evidente a necessidade de se fazer um esforço de formação de engenheiros e técnicos nos próximos dois anos.

Todos por um

À medida que as empresas nacionais passam a competir no mercado externo, o movimento de fusões e parcerias também tende a aumentar. Não seria diferente com software, área em que mais de 90% das cerca de 5,5 mil empresas são pequenas organizações, que sozinhas não teriam como entrar no mercado externo. Por isso é cada vez mais forte a formação de consórcios como o Núcleo Brasileiro de Exportação de Tecnologia (Next), que reúne 15 empresas nacionais de serviços e produtos de software, uma força de trabalho de 11 mil colaboradores e faturamento anual de R$ 1,19 bilhão.

O Next é apenas um dos diferentes movimentos que muitas companhias vêm promovendo no país. Cinco empresas brasileiras (três das quais pertencentes ao Next) anunciaram recentemente a criação da Associação Brasileira das Empresas de Software e Serviços para Exportação (Brasscom), entidade que pretende reforçar a marca do Brasil no exterior. A Brasscom é uma cópia perfeita da indiana Nasscom, organização que fomentou o reconhecimento daquele país como exportador de software.

Mesmo sendo concorrentes no mercado interno, os responsáveis por essas empresas concluíram que somente unindo esforços serão capazes de criar uma imagem tecnológica favorável ao Brasil no exterior e conquistar maior espaços nesse crescente mercado.

Os membros da entidade consideram o objetivo plenamente atingível pelo fato de a competência brasileira no setor já ser reconhecida em relatórios internacionais. Um estudo da Softex e do Massachussets Institute of Technology (MIT), considera o Brasil uma potência emergente na área de informática devido ao nível de qualidade de seus profissionais e às vantagens competitivas, como os baixos custos decorrentes da desvalorização sofrida pelo real diante do dólar nos últimos anos.

Sediada em Brasília, a Politec mantém escritórios em diversas cidades brasileiras. O primeiro escritório fora do país está localizado em Reston, VA - EUA, e cumpre um papel de conexão entre a empresa e seus parceiros internacionais.

A poderosa Agência Nacional de Segurança dos estados Unidos e o FBI fizeram uma varredura no sistema de segurança criado pela Everysystems, antes de o Citibank assinar um contrato de implantação do internet banking em suas filiais latino-americanas.

Produtos típicos do Brasil ganham espaço nos EUA

A última matéria da série sobre o mercado de alimentos norte-americano fala sobre o crescimento das comidas étnicas no país. O Brasil, com tantas gostosas iguarias a oferecer, já está presente em grandes redes de supermercados. Comer pão de queijo bebendo guaraná já não é mais exclusividade nossa. Os americanos também podem encontrar com facilidade as nossas especialidades.

MERCADO ALIMENTÍCIO

Por Karine Porcel, de New York

Toda semana a mineira Cristina Cardoso, 34, vai às compras num supermercado da cadeia ShopRite em Hillside, New Jersey. Doze anos longe do Brasil não bastaram para que ela deixasse de sentir saudades da comida típica "lá de casa". A gigantesca rede de mercados oferece aos clientes uma gama de produtos brasileiros. Ali ela pode comprar guaraná, farofa, feijão, goiabada, café, pão de queijo, sucos, biscoitos, palmito, chocolate e muitas outras delícias que até há pouco tempo pedíamos aos nossos parentes para trazer na mala quando viessem nos visitar.

Encontrar produtos típicos do Brasil em certas regiões dos Estados Unidos não é tarefa complicada há algum tempo. Desde que a comunidade brasileira começou a crescer, os próprios empresários brasileiros trataram de importar o mínimo que fosse para que o povo aqui não ficasse com tanta saudade de casa.

Entretanto, encontrar os nossos produtos em grandes redes de supermercados americanos ainda é privilégio dos moradores de New Jersey. A Triunfo, empresa conhecida por sua variedade de produção no setor alimentício, encontrou nesse Estado um enorme mercado consumidor. Latinos e americanos estão descobrindo o que a cultura do outro tem a oferecer. De olho nesse mercado étnico, a empresa trouxe às lojas da rede ShopRite o que de mais gostoso o Brasil produz.

Hoje, há oito lojas vendendo uma enorme variedade de produtos típicos. De acordo com Romeu Souza, supervisor da Triunfo no Estado, a empresa quer expandir para outros Estados. "Queremos ir aonde há brasileiros, em primeiro lugar. As pessoas que estão longe de casa há anos, precisam ter coisas da sua terra, comer a comida da sua terra. Ao mesmo tempo, entrando nos mercados americanos, estaremos introduzindo nossos produtos a um novo público, os americanos e os hispanos."

Oportunidades em abundância

Os brasileiros fazem parte da maior minoria étnica (e também a que mais cresce) no país. Os latinos somam hoje aproximadamente 38 milhões de pessoas. A demanda desse grupo por produtos "étnicos" com os quais já está familiarizado se expande conforme cresce a sua presença nos Estados Unidos. De acordo com dados da Fispal Latina (feira latina de alimentos) deste ano, o mercado hispano-americano consome, somente em alimentos e bebidas, cerca de US$ 55 bilhões ou 3,8% do total de US$ 1,4 trilhão movimentado pela indústria norte-americana. Assim, o potencial consumidor latino nos Estados Unidos, somado a dos países do golfo, representa uma oportunidade qualificada para as empresas do ramo.

Dos US$ 15,8 bilhões em produtos brasileiros que os EUA importaram em 2003/2004, US$ 1 bilhão correspondeu a alimentos e derivados. E, no entanto, estima-se que as importações americanas de alimentos tenham atingindo US$ 56 bilhões no ano fiscal de 2003/2004. É exatamente desse grande espaço de ótimas oportunidades que produtores de alimentos brasileiros arrojados podem tirar proveito.

A qualidade dos produtos é considerada boa. Afinal, eles já foram testados num mercado grande, seletivo e exigente como o brasileiro. Mas os compradores americanos ainda não sabem que eles existem. Por isso, se as empresas do ramo de alimentos no Brasil encararem as possibilidades e fizerem a abordagem correta, abrirão um enorme mercado capaz de mudar a balança comercial. Mas é estudar é preciso. Embora os americanos sejam muito abertos e estejam dispostos a provar novidades, para eles pouco importa a origem do produto, desde que ele tenha preço certo e qualidade.

Quem sabe um dia, o guaraná, o suco de maracujá, o açaí na tigela, a farofa, a caipirinha e quem sabe até as moquecas e feijoadas não vão seguir os mesmos passos que as churrascarias brasileiras, que brotam por toda parte nos Estados Unidos. Tudo made in Brazil.

Equipe de representantes da Triunfo em New Jersey. Romeu Souza (primeiro da esquerda para a direita)quer levar os produtos da sua empresa para outras regiões dos Estados Unidos.

Lojas da rede ShopRite em New Jersey vendem uma grande variedade de produtos brasileiros de olho no mercado étnico Americano.